

## Marcos A. Dias

### Textos Selecionados

#### INTERIORES

Estentóreo guardião  
das emoções mais ínvias  
: estar aqui, sem  
nunca ter saído de lá

Turbilhões de vozes  
ecos  
Tantos os rumos  
que já em mim procuro  
e quase não os encontro

(Resta-me: o ato  
quilombola desse meu  
escrever em fogo  
Resta-me:  
a negavelu/dada noite  
do corpo de minha ialê  
— Restam-me  
como o meu único  
provável reino  
minhas pátrias  
mais tangíveis)

Banzo é quando olho  
para dentro de mim, e percebo  
que boa parte do meu ser  
ficou do outro lado do mar

*(Rebelamentos pg. )*

#### Caderno da civilização brasileira

O emaranhado da desmemoria  
tece uma cora de f/atos  
capciosamente esquecidos

Na contracorrente  
Gangas/Zumbis soçobram  
Sem quase nunca chegar

Posta em questão a literatura  
:  
dobre monumento onde

nossos ancestrais esplendem  
todo o palor  
da sua invisibilidade

O  
crivo de minhas releituras atesta  
que a história oficial mente  
Até nas entrelinhas

(*País Indig(o Blue) Nação* pg. )

## 2022 — NARRANDAÇÕES

### 1900

A república é nova  
& a velha escravidão  
É uma plena alporria  
Para a nenhuma cidadania

Nas ruas das metrópoles  
Minha mãe (como hoje)  
Sustenta o *vagabundo* do meu pai  
Vendendo cocada e acarajé

Tem mandinga no morro  
Revolta no mar  
& samba na casa da Tia Ciata

Pelo telefone é anunciado  
O nascimento da alma musical  
Do Brasil Ao fundo um choro  
Carinhosamente Pixinguim (Ô Abre-Alas!)

### 900-10

...E era bella a época Bella  
porque *belle époque*  
Perdiam-se fortunas no pôquer  
Um porre pedia outro porre

Nunca freqüentei saráos  
Na casa de um Matarazzo  
Convidado nunca estive  
Numa opulenta mansão paulistanna

(Quatrocentrões os fundamentos  
do meu país dos sonhos  
Palmares não é mesmo  
Essa *república* das Alagoas)

Era mesmo bella a época? Bella

Por quê? *Belle époque?*  
Tempos de se redescobrir o paiz  
...lá de Paris

### **20-30**

Depois há um *crash* na Bolsa  
— De Nova Yorque, é claro! —  
& o sonho brasileiro acabou  
Fim do deus café com leite & de tudo

Paulistanas mãos domésticas  
Secundam essa negra pra frente  
& encasquetada Escreve a História  
Com letras combativas de jornal

Ainda não há beletradouvidos / para  
O canto ingênuo do *Cisne Preto* / No país  
Tenente de Getúlio arara sabe javanês

### **.40-50**

De concreto as musculaturas  
Da frágil democracia  
E a prov/ocação de não votar  
Em branco — votar Abdias

Um desafino e um sambinha Zona Sul  
Estilizado Feito pro Carnege Hall (da fama)  
— onde artista vai & o povo? Nunca está

Há que se optar entre a Aquarela  
Do Brasil em Hollywood  
& a versão jazz & jeca do meu samba  
Nosso que perdeu quase todo o rebolado como  
À certa altura a Carmem Miranda? No país  
De Juscelino arquitetura de Niemeyer  
& o que fica de todo um Plano Piloto

Poesia concreta

Negro experimentado em teatro  
& malandro mais forçado pelo peso  
Da barra fria das circunstâncias não:  
Não me enxergo na figura de um Zé Carioca

### 60-70

Cantares ao meu povo & World  
Toques: Mandela apodrece Brother  
Nos porões de South African &

Vou recrutar pras conchichinas  
Das selvas asiáticas (Vietnapalm)

Convém marchar sobre Washington  
Gritar na cara do Tio Sam  
Que o American Dream é dourado  
feito uma batata quente a barra dos anos

Maio de 68 versus México/70 (?) & não darei  
Um só passo com o gde. deus ditadura  
Na marcha pela nação Brasília ainda não existe  
No mapa da liberdade — somente o ABC  
: Alfabetizemos, pois, Hermanos, Sudamérica

Sou lindo! Sou único! Sou movimento!  
Faço o rumo dos ventos! Sou direção!!!

### 80-90

Que entre o *Love* no samba e caia  
A loira na dança Arte popular  
Que se preza é terreiro sem nenhum biombo

Se a (nossa) cor errou (num dar de bunda)  
D/a grafia da *tradição* !paciência!  
“O samba de agora nunca como o de antigamente”

Folhas se vão com os ventos Tronco  
É embira Carros alegóricos  
(de ordinário) passam Alegorias ficam

(Quadris 90 a liberdade é anorexia  
Tem as medidas muitíssimo comportadas  
*Nada por baixo /Vazia por dentro*

*& tudo em cima /é silicone*

Faz malhação em ritmo oloduneróbico

Mas o seu volume não t r a n s b o r d a

Uma latinha de refrigerante dietético) .

(Versão enviada por Marcos Dias)

LITERATURA DE INFORMAÇÃO  
: **Abcz Das Imagens Gastas**

Do inzoneiro  
a zanga  
sem o azorrague

O zunzunzum  
Na zazoeira  
& o zanzar  
em Zanzibar

Zabumba no samba  
sambado na corda  
bamba d1 circo  
(Pegando fogo)

Ser zebra  
& (de zero à esquerda)  
zarpar p/ Zênite

Zuninga zunindo  
Zumbaia (salseiro  
na zaga) empate  
sem zero a zero

Azaração  
(todalgazarra)  
do q virou zorra  
& é ziquezira

(Zumbi zumbindo)

(País Índig(o Blue)Nação II pg. )

## Alegorias da Noite

A criança ardia, febre alta, quando a luz acabou. A droga da conta já havia sido paga, mas tratava-se de mais um apagão na cidade que, simplesmente, liderava todas as estatísticas das más ocorrências. Dazinha entrou em parafuso. Auxiliada um tanto pela alta temperatura do álcool que circulava em suas veias, deixando-a totalmente embebedada e com a esquisita sensação de ser um longo e lerdo pavio de lamparina.

Com muito custo, conseguiu acender uma vela. E depois de abafar com beijos o choro da criança, deu uma geral pelos cômodos, até encontrar a Novalgina infantil.

Trapos e trecos ficaram esparramados pelo caminho. Num canto, vestígios de material escolar, “Vixel!”, no meio de um pequeno lixão de brinquedos quebrados e com o ar mal- encarado de doação, após a última possibilidade de uso.

Dazinha turvou-se em seus pensamentos. E teve, então, pela primeira vez, nítida a percepção da miséria que tomara conta de toda a sua existência. Sombras de muitas noites sem lua. E tudo era mesmo capítulos intermináveis de uma trágica novela. Nenhum lance de maior interesse, que valesse a pena ver de novo e um ato somente de heroísmo: não ter ela ainda dado cabo da própria vida. Desanuvuiu-se ao perceber que o choro de Nayara Estéfanne cedera e dera lugar a um ressonar inquieto. Por sorte, os três maiores, Vinícius Brayan, Suellen Sasha e Alberth Thiago, indiferentes a tudo, roncavam o sono angelical de todos os anjinhos endiabrados.

Estatelou-se diante da chama se perguntando pelo Ditão, aquele chifrudo! Sumira desde a sexta-feira gorda. Quarta já era cinzas e o filho da puta nada! Raberava pelas casas dos compadres? Marcava ponto em todas as bocas-de-golo do conjunto habitacional? Cumprira finalmente a promessa de fugir com aquela umazinha, cabelos esticados, loira à força e mal saída dos cueiros? Andava se arreganhando toda pra ele. Ainda bem que só os dentes. Podres. E ela ainda haveria de quebrá-los todos, um por um, só pra fazer as franguinhas do pedaço entenderem de uma vez por todas que Dazinha do Alto Paraíso ainda tinha muito, mas muito jogo de pernas mesmo pra segurar o seu homem!

Remoía-se em ódios e conjecturas, sem perceber que os efeitos do álcool entorpeciam-na mais e mais. Já sem poder conectar as próprias idéias, concluiu, antes de anoitecer de vez, que o *fuzauê* ficaria pra quando ela amanhecesse.

Acordou no inferno. Sem reação, por pouco não se salva, não fosse a tenacidade desesperada dos filhos, liderados pelo mais velho. Esgoelavam:

Mãe, a gente vai morrer! Acorda, acorda, Mãe, a neném vai morrer ocês dois!!!

Os vizinhos que nada viram, nada puderam fazer, antes que o pior já tivesse acontecido. O sinistro, qual uma estrela cadente após incendiada fulguração, apagou tudo. O choro da caçula, a vida, o país, o mundo. Dazinha também se apagou num mutismo de sombras indevassáveis. Sem mais “velas acesas sob um céu de chumbo”, no país do Carnaval, abençoado por Deus... e nenhum sequer clarão de esperança.

(Sequer constou o ocorrido das estatísticas oficiais.)

(Inédito. Enviado pelo autor)